

09-06-2021

**BRASIL MULTIÉTNICO E  
MULTICOLORIDO, TAMBÉM VERDE,  
AMARELO, AZUL E BRANCO**

**Fagner Luiz Lemes Rojas**

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.  
Professor Adjunto da FACIS (UNEMAT- Diamantino)]

Fico a pensar: atualmente qual é o Brasil que pertence ao Brasileiro? Já fomos o Brasil da exuberância, da alegria, do futebol, carnaval, samba, miscigenado.

Não somos uno, somos multiculturais e multiétnicos, essa é a nossa identidade e sempre foi a nossa força, o nosso gene. Tínhamos a certeza de que esse era um dos orgulhos dos brasileiros. Mas e agora, quem somos? Estamos divididos. As nossas pluricaracterísticas estão sendo negadas, apagadas e estamos sim, perdendo a(s) nossa(s) identidade(s).

É triste, como brasileiro, pensar que não nos encontramos mais nas nossas múltiplas singularidades. O que parecia ser o tônus que nos atribuía diversos adjetivos, hoje, é encorajado para assumir uma identidade de polaridade insana, que destroça a sociedade entre: os do bem e os do mal, os da luz e os do caos. É, nós nos perdemos!

Não estamos encontrando saídas para superarmos as batalhas perdidas em que nos colocaram.

E pensam que nos apagarão nos enquadrando.

Um recado, o Brasil tem dono, e não é de nenhum governo ou políticos e seus lobbies, não é da esquerda ou da direita, talvez do meio. Não é só dos ricos ou dos pobres, talvez seja de todos nós, o povo: negros, brancos, mulatos, latinos, japoneses, árabes, africanos, mamelucos, indígenas, não indígenas, nativos, refugiados... É dos miscigenados, das misturas que sempre compôs a identidade desse país, dessa riqueza de gente diferente que convive em paz, que também é aguerrida e composta de sotaques, cores, vestes, danças, de origens diversas da zona da mata, rural, urbana, étnica .... é plurimulticultural.

Essa é a resultante da nossa força, os seus povos de um só Brasil que não está em guerra consigo, mas é evidente que estamos entorpecidos, letárgicos.

Os conquistadores - aqueles que conquistam dores providas da carne e vida de um povo - e os colonizadores - os que colonizam dores - (violentos) sempre tiveram como estratégia e princípio o apagamento e a negação cultural para dizimar.

Com essa ação, colocam em dúvida a importância da nossa própria existência com relação a de outrem.

Justificam chacinas, assassinatos e genocídios, afirmando que a sua própria existência e cultura são potencialmente superiores e essenciais. Mas afirmo aqui, não são! A hegemonia de uma cultura, povo, religião, cor, modos de vida, biologia, gene, sotaque, artesanato, espécie, idioma, conceito de família, forma de amar, música, até a sua própria guerra também é a sua derrota, a exemplo: uma floresta de uma só espécie - monocultura é fraca, a sua riqueza estava na sua diversidade, nas suas cores, várias espécies e víveres, cantos, modos de vida.

O Brasil que está em guerra com a sua identidade pela dúvida da força do seu povo como diversidade, contaminado com o vírus da colonização politiquera miasmática não é a redenção ou a salvação.

A saída que encontraram para se impor foi a ridicularização das comunidades, a educação que tomam como um defronte máximo, adoecem a saúde a partir das mentalidades, novamente, para justificar o caos das suas ideias de força na unicidade que nada tem a ver com a identidade do povo brasileiro. Tentam nos separar para separar as ideias e ideais, para que não existam identidades e ideologias, para nos encurralar nas suas próprias e, com isso, adotar a colonização cultural única que justifica o extermínio do diferente e a existência de um Brasil xenofóbico, preconceituoso, excludente, disposto a apagar da história alguns para ascender outros.

Não nos enganemos! Porque esse cenário é passageiro e a luta é do coletivo - do conjunto de cores verde, amarela, azul e branca, pluri e multicolorido, multirracial, multiétnico, pluri sotaques de um povo, que não sucumbirá a um governo, ou mesmo, aceitará ser enquadrado numa única forma e modos de vida. Tenhamos fé na luta e sigamos os presságios provindos da sapiência do poeta Mário Quintana ...

*“Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu (nós) passarinho!”.*

Nota: (nós): acréscimo do autor do texto.  
...  
...